



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Discurso dos excelentíssimos senhores  
senador Esperidião Amin e presidente da  
República, Fernando Henrique Cardoso*

GRANJA DO TORTO, BRASÍLIA, DF, 19 DE MARÇO DE 1996

*Senador Espiridião Amin:* Senhor Presidente, Senhores Governadores, Nosso Companheiro de Senado Amazonino Mendes, Companheiro e Amigo, e Governadores Siqueira Campos e Neudo Campos, respectivamente dos Estados do Amazonas, Tocantins e Roraima, Caros Companheiros Líderes, Epitácio Cafeteira, nosso Líder no Senado, Odelmo Leão, Líder na Câmara dos Deputados, representando todos os nossos Parlamentares com o vigor e a energia daqueles que têm fé. Permito-me saudar toda a bancada do nosso partido na pessoa do nosso Ministro, Deputado, Companheiro e Amigo Roberto Campos, Temos aqui também, Senhor Presidente, alguns Presidentes de diretórios estaduais, e eu me permito saudá-los nas pessoas dos nossos ex-Governadores de Santa Catarina, Ivo Silveira e Colombo Machado Sales, que, para nós daquele Estado, sempre foram exemplos de dedicação à causa pública, exemplos que os nossos companheiros sempre procuraram seguir,

Vossa Excelência manifestou o desejo de promover este encontro, sabendo da realização da Convenção do nosso partido. É a primeira

Convenção depois da fusão do PPR com o PP, e aqui me permito saudar aqueles que foram e são artífices dessa fusão, nas pessoas do Vice-Presidente Vadão Gomes – e foi por isso que eu fiz questão que ele pudesse me ouvir, em vez de ouvir alguma outra voz talvez mais simpática – e o Deputado Francisco Dornelles, que sintetizam o esforço, o desprendimento com que se promoveu a fusão do PPR com o PP; fusão que, é bom registrar, teve, sem dúvida alguma, inquestionavelmente, o privilégio de contar com mais do que a simpatia, contou, sim, com o estímulo do Presidente Fernando Henrique Cardoso.

Logo depois da Convenção, da fusão, nós lhe dissemos estas palavras, e faço questão de repeti-las hoje. O PPB é, portanto, o estuário de legendas como a do PDC – e estou diante do Presidente do PDC e dos Senadores do PDC, do PDS, do PP, dos Partidos que constituíram o PP –, é, acima de tudo, Senhor Presidente, um exemplo do esforço de redução à expressão programática, que o povo pode compreender, dos partidos políticos, e incluo neste gesto o então Presidente do PRP, Deputado Adhemar de Barros Filho, aqui presente também. Foi preciso desprendimento para que se promovesse a fusão.

Amanhã e depois de amanhã, estaremos realizando a nossa convenção estatutária para adequação do programa do nosso partido à legislação atual; estaremos promovendo a discussão de temas importante para o País. Teremos a manifestação dos nossos jovens e o relatório do que o partido tem feito em matéria de participação das mulheres.

Sou de um Estado feminino, Santa Catarina. São poucos os Estados femininos. Santa Catarina é um Estado feminino. Diziam os nossos vizinhos, os gaúchos que têm outros pendores e os paranaenses que o maior homem de Santa Catarina tinha sido Anita Garibaldi. (Risos.) Durante um certo período em que éramos mais tolos, não nos incomodávamos. Hoje, nós nos orgulhamos disso. Por isso, quero aproveitar a oportunidade para saudar as nossas três companheiras aqui presentes: Deputada Dolores, minha companheira de chapa Sandra Guide e a Deputada Alzira Everton.

Estaremos também promovendo, através da Fundação Milton Campos, o debate de idéias, idéias voltadas, principalmente, para a

geração de emprego e para o cumprimento de uma exigência do nosso Governador Amazonino Mendes, uma boa exigência: a de desconcentração e descentralização do crescimento do nosso país, as duas grandes diretrizes que vamos debater em matéria de conteúdo de propostas da Fundação Milton Campos.

Este é um relato, Senhor Presidente, que lhe faço num momento em que registro a sua disposição, o seu propósito de promover este conagraçamento.

Nosso encontro com Vossa Excelência – e digo isto com a serenidade de quem foi seu companheiro de bancada, companheiro quase geminado, pois os Senadores aqui presentes sabem que éramos assíduos; o Levy, o Cafeteira, o Amazonino sabem disso (o Leomar é mais recente, não é testemunha), tendo eu participado, em nome do então meu partido, o PPR, da mesma campanha de que Vossa Excelência participou – o nosso encontro, repito, ocorreu em função da convergência de propósitos, em função da nossa convicção de que as reformas em curso são indispensáveis para o País e são base indispensável para a estabilidade da nossa moeda e da nossa economia.

Foi essa a razão do nosso encontro, e é em função disso que lhe agradecemos por ter promovido, neste conagraçamento, mais do que um encontro, uma oportunidade para que marquemos a nossa disposição de parceiros atuantes, conscientes, pois o PPB tem consciência de que é um grande partido, foi e é exemplo, pelo próprio processo de fusão a que me referi, de busca de coerência e moralidade na política brasileira. Toda a sociedade sabe que a pulverização de siglas não significa uma adequação de partidos a idéias ou programas. Não existem tantas idéias e tantos programas quantas são as siglas partidárias no nosso país.

Com essa responsabilidade, Senhor Presidente, temos oferecido sugestões. Como todo parlamentar, o integrante da nossa bancada tem a inquietação própria de quem acha que o que houve nas bases não pode deixar de estar presente na sua atividade. E é bom que um partido que nasceu há tão pouco tempo seja inquieto e irrequieto, combativo, e procure firmar-se. Aquele que está momentaneamente

na presidência do partido tem que estimular isso. E os dois dias da nossa convenção são para isso.

Nosso encontro com Vossa Excelência, nesta noite, é motivo para que lhe agradeçamos pela fidalguia, pela hospitalidade. Pensamos no Presidente da República – que está conduzindo com firmeza este projeto de reformas indispensável ao nosso país – como o guardião da fé que o nosso partido tem na transformação do País pela via democrática, que as reformas votadas no Parlamento podem propiciar.

É neste sentido que lhe agradecemos pela deferência do encontro. E, sem embargo daquilo que vamos decidir ao longo desses dois dias, queremos reiterar que ficaremos muito honrados com a sua visita a nossa Convenção. Gostaríamos de, interessados nos destinos do País, preservar o canal de comunicação respeitoso que Vossa Excelência abriu para nosso partido.

Sugiro às companheiras e aos companheiros, no encerramento dessas minhas já longas palavras, que ergamos uma taça para saudar a nossa fé nos destinos do nosso país.

*Presidente:* Senador Esperidião Amin, Presidente do Partido, meu Companheiro de tantos anos, meu Amigo, Senhores Governadores que dão a honra de nos fazer companhia esta noite, Senhores Líderes, Senhores Deputados e Senadores, Senhoras Deputadas, Senhores Prefeitos convencionais que aqui estão,

Tenho a grande satisfação de podermos hoje estar, aqui, juntos. O Senador Amin disse, com precisão, o motivo pelo qual estamos neste jantar de conagração. Faz tempo já, várias semanas, quase um mês talvez, que, em conversa com o Senador Amin, nos ocorreu que seria uma boa oportunidade de um encontro o momento da Convenção do PPB. Seria uma forma de o Presidente da República poder mais diretamente falar com cada um dos parlamentares, dos convencionais e de expressar o seu agradecimento – agradecimento pelo apoio que tem recebido por parte do partido, por parte dos Deputados, dos Senadores, dos Governadores. Mesmo antes de o partido se formar como PPB, já havia um contato estreito, primeiro do PP, que

participou da campanha, e, depois, do PPR. Também é certo o que disse o Governador Amin, nem ele diria coisas que não fossem certas: que eu encorajei a formação do partido.

Isso é verdade, e o Deputado Odelmo é testemunha disso também, assim como o Deputado Dornelles, que não estou vendo por aqui, não, está ali, bem diante a mim; e o Deputado Vadão, que está mais distante ainda, mas só fisicamente. Pois bem, eu encorajei porque acho que, neste momento tão difícil, e tão rico também, da vida brasileira – eu até diria que é mais rico do que difícil – precisamos pensar em reagrupar as forças políticas de maneira que permita um diálogo mais organizado.

A fragmentação partidária não leva à sustentação estável de um Governo e nem de uma oposição. Leva simplesmente a um burburinho, a um grupo que se forma e a outro grupo, e depois isso não tem consistência maior.

Com isso não estou querendo dizer que não existam partidos pequenos e importantes, porque os há, sobretudo quando têm uma força ideológica nova que tem que ser respeitada. Não sou partidário de nenhum instrumento legal que coíba a existência de partidos, mas o instrumento voluntário da Associação é prova de amadurecimento, é efetivo. Porque, quando existe uma disposição de agrupar – primeiro, tem que discutir, discutir idéias, discutir também posições, discutir para que serve o partido naquele momento, qual é o posicionamento –, isso facilita muito o diálogo democrático e permite que a sociedade reconheça nos partidos o esteio de alguma idéia e o esteio de um sistema político ou de um sistema de governo, ou de um governo.

Então, fui realmente encorajador desse partido e não me arrependo. Acho que, hoje, temos no Congresso um panorama que já começa a se aproximar de um leque partidário mais consistente com as demandas de uma sociedade dinâmica como é a nossa, de massas como é a nossa e que precisa encontrar pontos de referência.

A democracia está se consolidando no Brasil, mas a consolidação dela depende de que esses pontos de referência sejam mais estáveis. E os partidos são insubstituíveis no jogo democrático. Acredito que,

hoje, esse reagrupamento ajudou-nos no Congresso a divisá-los, sobretudo na Câmara, mais multitudinária, onde é mais difícil divisar já quais são as tendências existentes e também com quem dialogar, de que maneira organizar o debate.

Bastaria isso para dizer que a formação do partido foi muito positiva, mas, para mim, como Presidente, mais ainda, porque, na verdade, tenho tido apoio. Apoio não quer dizer que sempre se esteja de acordo, é outra coisa; mas tenho tido um diálogo frutífero com o partido, também quero deixar aqui muito claro, em termos adequados, em termos elevados, em termos que permitem ao Presidente, realmente, uma crescente convivência e um estar à vontade.

Naturalmente, quem exerce posições de mando sabe – e aqui muitos as exerceram – das dificuldades que existem na vida política para esse estar à vontade: reservas, preocupação quanto à interpretação do que se disse, suspicácia, a idéia de que, ao dizer tal coisa, era aquela outra. Isso não é clima que favoreça um verdadeiro entendimento.

Eu, francamente, quero ter com o PPB um verdadeiro entendimento. Já expressei isso de várias maneiras e até formalmente, ainda muito recentemente: do ponto de vista do Presidente da República, do meu ponto de vista, do ponto de vista dos partidos que formaram a coligação que me elegeu, porque eles concordam com o que estou dizendo, queremos que o PPB seja parte constitutiva do Governo, do sistema de governar o País. E isso é porque, independentemente das afinidades, do fato que eu já saudei aqui, nós precisamos – não em função de uma votação aqui, outra votação ali, é muito mais do que isso – ter um horizonte mais estável para o nosso país. E estamos chegando lá.

Ainda agora, fomos ao Japão – o Governador Siqueira Campos meu deu o prazer da companhia e viu o que está acontecendo com relação ao Brasil. Nós estamos ganhando crescentemente o respeito, porque temos rumo, porque este rumo não está sujeito a tempestades inesperadas, porque não é ziguezague. Corrige-se muitas vezes, é natural, o rumo, mas a correção de rumo não se faz aos sopetões, não há surpresas, não há golpes, nem há prestidigitação, não se está enganando ninguém. E, para isso, para que possamos realmente se-

guir numa direção definida, é preciso que haja também uma sustentação definida.

Seria pueril imaginar que se fazem, que é possível fazer mudanças no Brasil sem uma grande convergência. Não sou tão cético quanto o Deputado e amigo Roberto Campos, que já me deu aqui uns conselhos, não conselhos, umas observações que seriam de desanimar quase qualquer um, mas não a mim. Posso repetir, Roberto? E não era sobre o Brasil, Ele disse que governar pode ser difícil, mas o pior é que é inútil. Eu não acho isso, nem ele, mas a verdade é que, para governar, nós precisamos efetivamente de criar um estado de espírito, uma convergência.

Não se trata de o Presidente, com a caneta, fazer isso, fazer aquilo, porque isso não muda o País, não é por aí; vai fazer, todo Presidente faz, assina, usa caneta, mas não é por aí. Só vamos mudar, mesmo, se conseguirmos criar um cimento, uma solidariedade, uma crença, uma fé. E para isso precisa de que haja quem a sustente. Não é uma pessoa que vai fazer isso, seria ridículo imaginar que um presidente... Não é um partido que vai fazer isso, por maior que ele seja, porque, na sociedade moderna, existe uma diversidade muito grande; ela é fragmentada. Então, não adianta imaginar um partido. Esse partido vai representar muito, mas não é tudo. Vamos precisar de mais força junta para levar adiante essas formações nas quais todos estamos empenhados. E o povo sente isso. O povo sente isso.

Se há uma alegria – aqui todos somos políticos – que a gente sente é quando percebe que há apoio. Eu mostrava ao Governador a última pesquisa que recebi hoje. Aumentou o apoio, tanto a mim, quanto ao Governo e quanto ao Real, em março. Aumentou o apoio com relação a novembro do ano passado. São pesquisas nacionais que se fazem de certo em certo tempo. Porque o povo sente – não é apoio a mim, perdão, pode ser até a mim, pode ser até isso, mas é o apoio a um caminho, é o apoio a um estado de espírito que está levando à mudança – que isso nós todos temos que fazer juntos, e estamos fazendo juntos.



Então, é com esse espírito que eu queria ter esta conversa hoje e, simplesmente, para agradecer. Não peço nada, já pedi muita coisa a muita gente, vivo pedindo, vou continuar pedindo. Mas hoje não quero pedir nada. Hoje eu quero realmente agradecer o fato de podermos estar juntos e desejar também que nesses dois dias de Convenção o partido se fortaleça. Sei que se vai debater; vai-se debater com brilho, haverá idéias de tais ou quais tipos, não importa. O que importa é que ele se fortaleça nesse debate.

Irei visitar a Convenção – questão só de ajustar o momento, a oportunidade – para dar mais uma prova pública daquilo que estou dizendo há algum tempo, e fazendo hoje aqui; para demonstrar que, do meu ponto de vista, o PPB forma parte constitutiva desse sistema de forças que está realmente propiciando esta mudança ao Brasil e da qual, no máximo, o que posso ser é, de vez em quando, o porta-voz, alguém que, tendo ajuda dos demais, pode também, em certos momentos, ajudar a todos no rumo – que não mais é escolhido arbitrariamente, mas é um rumo hoje sustentado com ampla maioria pela sociedade.

Agradeço muito a vocês todos. Lamento sempre, como de praxe, que eu nunca tenha tempo de falar, senão de repente, com um e com outro, é uma sensação permanente de que estou devendo a alguém. Quis, como Presidente da República, pedir que o encontro fosse aqui na Granja do Torto, porque me parece que é mais íntima do que o Palácio do Planalto, que distancia mais as pessoas umas das outras. Queria dar um sinal também muito claro da intimidade que eu gostaria que, daqui para a frente, fosse a marca da nossa convivência.

Muito obrigado.